

# Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política

HERNÁN OUVIÑA

São Paulo: Boitempo/Fundação Rosa Luxemburgo, 2021. 181p.

*Rosa Rosa Souza Rosa Gomes\**

O livro de Hernán Ouviaña, *Rosa Luxemburgo e a reinvenção da política*, foi publicado no Brasil em 2021 pela editora Boitempo em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo. Essa edição é uma versão do livro em espanhol, *Rosa Luxemburgo y la reinvención de la política: una lectura desde América Latina*, publicado em 2019 pelas editoras Quimantú e Editorial El Colectivo. Versão porque não se trata de mera tradução: Ouviaña tomou o tempo e o cuidado de atualizar o livro para o público brasileiro. Essa edição inclui também uma apresentação de Isabel Loureiro, referência na pesquisa do pensamento de Rosa Luxemburgo no Brasil, e um prefácio de Silvia Federici, referência nos estudos sobre trabalho reprodutivo.

Em relação à forma, a edição brasileira conta com algumas mudanças que a diferenciam da edição em espanhol. A fonte utilizada em português é muito menor que a utilizada em espanhol, as caixas de textos com biografias de personagens históricas foram transformadas em notas de rodapé e, das sete ilustrações de guache que compõem a edição em espanhol, apenas duas foram incorporadas à edição brasileira. Essas alterações deram ao livro outra forma, mais acadêmica, menos militante, conflitando com uma de suas propostas – servir de subsídio à militância e ao ativismo popular – na medida em que modificaram elementos importantes na leitura: as ilustrações e, principalmente, a fonte.

---

\* Mestre em História Econômica (USP). E-mail: rosarosasrg@gmail.com

Em relação ao conteúdo, o livro de Ouviaña possui dois textos iniciais que funcionam como introduções. No primeiro, o autor explica por que retomar o pensamento de Rosa Luxemburgo e aponta os objetivos do livro: reconstruir o pensamento e a trajetória da autora para repensar a práxis emancipatória na atualidade – assim, a leitura serviria tanto para um aprofundamento teórico quanto para uma prática militante. O segundo texto faz um apanhado da recepção de Rosa Luxemburgo e propõe uma periodização de três grandes momentos que marcaram a sua leitura: o primeiro seria o das revoluções dos anos 1910 na Europa, América Latina e Ásia; o segundo em torno da Revolução Cubana e das revoltas de 1968 e o terceiro iniciado nas lutas contra o neoliberalismo e que perdura até hoje.

Ouviaña então analisa os debates de Rosa Luxemburgo à luz de uma série de autores desses três grandes momentos, dentre eles uma série de autores latino-americanos que a interpretaram – o que por si só é uma grande contribuição para o debate e dá sentido ao subtítulo em espanhol: *uma leitura latino-americana*. A partir dessas lentes, além das suas próprias, Ouviaña desenvolve em sete capítulos a vida e o pensamento da autora, encerrando o livro com um epílogo que retoma a perspectiva revolucionária e de auto-organização para guiar as lutas emancipatórias hoje.

A estrutura desses capítulos é um ponto interessante e denota que o autor caminha entre a sociologia (sua área de formação) e a história. O livro inicia com um capítulo que faz um panorama geral da vida de Luxemburgo, e a partir dele passa pelos principais temas de seu tempo: no capítulo dois, a teoria da acumulação; no terceiro, as formas de organização; no quarto, a formação do sujeito revolucionário; no quinto, o papel do Estado e a dialética entre reforma e revolução; e no sétimo, o internacionalismo. Trataremos do sexto capítulo mais adiante.

Dessa forma, o autor está sempre indo e voltando no tempo histórico, mas, tendo apresentado ao leitor um panorama, o foco será expor os principais pontos de debate e as posições assumidas por Rosa Luxemburgo, bem como as leituras contemporâneas que possam servir à práxis na atualidade, demonstrando por todo o texto como aqueles pontos ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Logo no segundo capítulo o autor apresenta conceitos fundamentais para Rosa Luxemburgo e para o marxismo: a práxis, a totalidade e a historicidade. O autor procura desenvolver o livro em torno desses conceitos, especialmente o de totalidade, sem o qual não seria possível entender a vida e o pensamento da militante. Evitando cair no risco de falsas dicotomias entre economia e política, vida material e vida espiritual, Hernán Ouviaña não usa o rótulo de “economicista”, caracterização comumente feita à autora.

Dos mais interessantes é o capítulo sobre a atuação de Rosa Luxemburgo como formadora, tanto na escola do partido quanto em discursos e palestras. Esse tema é pouco estudado, como o próprio autor pontua, e há pouca literatura sobre o assunto. A obra, portanto, instiga novas pesquisas sobre essa faceta de Luxemburgo, assim como convida à reflexão sobre a formação nas organizações de esquerda.

Alguns pontos, no entanto, são críticos na abordagem de Ouviaña. O primeiro deles é a interpretação da teoria da acumulação de Rosa Luxemburgo: o autor sustenta que “para Rosa é importante dar conta da gênese e constituição do capitalismo”. A análise de Luxemburgo, porém, não tem esse objetivo, mas sim entender como o capitalismo se reproduz e se amplia, e de que maneira ocorre essa reprodução ampliada que, em termos capitalistas, é acumulação de capital. Dessa forma, a insistência do autor em usar o conceito de acumulação *por espoliação* é equivocada e engana o leitor a respeito das teorias mobilizadas.

Para Rosa Luxemburgo, o capitalismo se desenvolve sempre por meio do roubo e da destruição, a acumulação *por definição* é assim, e por isso não faz sentido acrescentar qualificadores como “por espoliação”. Esse conceito foi cunhado por David Harvey, o que Hernán Ouviaña explicita, mas dá a entender que é apenas uma substituição de termos: daqueles usados por Marx, “acumulação primitiva”, por aqueles propostos por Harvey, “acumulação por espoliação”. Para Luxemburgo, nenhum dos termos faria sentido, pois a acumulação é sempre um processo capitalista de avanço sobre espaços de produção não capitalistas, não é um processo apenas de sua gênese, nem que precise ser adjetivado.

O segundo ponto aparece especialmente no capítulo seis, “Mulheres, povos indígenas e natureza na reprodução da vida”, no qual o autor dá um passo a mais na atualidade de Rosa Luxemburgo e cai em certo anacronismo ao dizer, por exemplo, que “Rosa também teve a lucidez de perceber – ainda que sem abordar tão profundamente – o que hoje podemos chamar de *adultocentrismo*”. Esse tema, no entanto, está longe de figurar no debate geral da esquerda atualmente, que dirá na época de Luxemburgo. Ao revisitarmos o pensamento e a vida de uma personalidade histórica, precisamos ter cuidado com as projeções do presente sobre o passado, o que é muito diferente de trazer o passado para pensar e atuar no presente.

Esse capítulo faz parte dos debates sobre o feminismo e a ecologia em Rosa Luxemburgo. Tais temas estão na ordem do dia, mas, quando se trata de analisar a militante, incorre-se nessas projeções, em especial quando se trata de forçar uma Rosa Luxemburgo ecológica. A ecologia pressupõe uma crítica ao desenvolvimento industrial que não está em nossa autora. O que se pode fazer é pensar o colapso ambiental e essa crítica à luz de sua teoria da acumulação. No entanto, não é porque Luxemburgo gostava de botânica e tinha na natureza um momento de descanso que isso faz dela uma ecologista *avant la lettre*.

Quanto à questão do feminismo, ao se falar de Luxemburgo há uma tendência em transformá-la no estereótipo de mulher: sensível, doce, afetuosa, mais passional que racional, em oposição a um Lênin objetivo, frio, calculista, enfim, másculo. Isso aparece em várias interpretações de Luxemburgo e se faz presente também no livro de Hernán Ouviaña, apesar do seu esforço em evitar estereótipos – o que reforça o longo caminho a percorrer para nos libertarmos da ideologia imposta pela sociedade burguesa.

No mais, o livro de Ouviaña é único no cenário brasileiro ao trazer de maneira sucinta os principais pontos de debate de Rosa Luxemburgo e uma série de interpretações que atualizam o pensamento da militante para a nossa práxis contemporânea. A originalidade se enriquece quando observamos os vários autores latino-americanos abordados na obra, convidando-nos à leitura de nossos companheiros de luta e de continente.